

## O movimento circular no *Livro X das Leis*: 893c4-d5<sup>1</sup>

### *Circular Motion in Laws X, 893c4-d5*

#### Resumo

*Este trabalho apresenta uma nova tradução e uma nova interpretação da descrição do movimento circular presente no livro X das Leis, 893c4-d5. Após situarmos a nossa passagem em seu contexto, ressaltando a importância da classificação dos movimentos levada a cabo pelo Ateniense no seu preâmbulo às leis sobre a impiedade, trataremos em pormenor da caracterização, ali, do movimento circular. Ofereceremos uma nova perspectiva acerca das propriedades ditas espantosas dessa forma de movimento e, sobretudo, avançaremos uma análise inédita do texto grego, pela qual se buscará mostrar que é fundamental, para o movimento em círculo, que haja, no seu cerne, algum tipo de interação entre coisas que estão em movimento e coisas que ficam paradas, estas últimas funcionando como um princípio imóvel do movimento de rotação. Por fim, sinalizaremos algumas consequências importantes dessa análise, tanto no âmbito metodológico, na medida em que ela aponta para uma compreensão alternativa do método em operação na classificação de movimentos, quanto no âmbito metafísico, na medida em que ela tem ressonâncias na cosmologia, na psicologia e na teologia platônicas.*

**Palavras-chave:** movimento circular, classificação, Platão, *Leis*.

---

1 Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas no *Séminaire doctoral en philosophie antique Paris-Lille-Cambridge* e no *Workshop do Núcleo de Estudos de Neoplatonismo* da Universidade de Lisboa. Em ambas as ocasiões, os comentários dos participantes foram cruciais para o desenvolvimento do texto. Também fundamentais foram as sugestões e orientações do Prof. Klaus Corcilius, da Universidade de Tübingen, com quem tive a oportunidade de discutir, enquanto estavam ainda em gestação, algumas das ideias apresentadas aqui. Todas as insuficiências que restam nesta versão final são, entretanto, de minha exclusiva responsabilidade!

\* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL). guilherme.riscali@gmail.com

Recebido em: 10/08/2025 Aceito em: 31/10/2025

## Abstract

*This paper presents a new translation and a new interpretation of the description of circular motion found in Laws, X, 893c4-d5. After discussing the context of our passage and emphasizing the importance of the classification of motions carried out by the Athenian in his preamble to the laws on impiety, we will discuss in detail the characterization of circular motion. We will offer a new perspective on the amazing properties of this form of movement and, above all, we will put forward a novel analysis of the Greek text, which will seek to show that it is fundamental for circular movement that there be, at its core, some kind of interaction between things that are in motion and things that stand still, the latter functioning as an immobile principle of motion in a circle. Finally, we will point out some important consequences of this analysis, both from a methodological standpoint – insofar as it points to an alternative understanding of the method in operation in the classification of movements – and from metaphysical perspective, insofar as it has resonances in Platonic cosmology, psychology, and theology.*

**Keywords:** circular motion, classification, Plato, Laws.

## 1. Introdução

O livro X das *Leis* é, sem dúvida, o livro mais lido desse que é um dos menos lidos dos *Diálogos* de Platão. De fato, a importância desse livro, que é difícil de superestimar, não apenas justifica aquela láurea um tanto agridoce, mas também justificaria que o livro fosse levado muito mais a sério – e que fosse lido como um dos principais textos da filosofia platônica tardia, senão como texto-chave da filosofia platônica em geral, no mesmo nível das passagens mais importantes da *República*, do *Fédon* ou do *Sofista*.

Num documento de grande densidade filosófica, encontramos condensados, em poucas páginas, alguns dos apontamentos mais claros e contundentes da cosmologia, da psicologia e da teologia platônicas. Tudo se passa como se nesse texto – em que, como é bem sabido, Platão trabalhava ainda quando de sua morte – o avanço da idade e a iminência do momento em que teria de encerrar seu testamento filosófico o tivessem levado a colocar por escrito, de forma invulgarmente direta, suas ideias mais importantes acerca de muitos dos pontos centrais de sua metafísica.

Como sabemos, todo o livro X funciona como uma espécie de preâmbulo ou proêmio<sup>2</sup> para as leis a serem instituídas em Magnésia a respeito da impiedade, i.e., as leis que determinam as penas para “todos aqueles que, em palavras ou em atos, ultrajam os deuses” (ὅσα δὲ λόγῳ καὶ ὅσα ἔργῳ περὶ θεοῦς ὑβρίζει, 885b1).<sup>3</sup> Esse preâmbulo tem a função de servir como uma espécie de admonição àqueles que defendem teses ímpias (888a5-8), tentando convencê-los de que essas teses não têm verdadeiramente fundamento e, como que justificando a força da lei, torná-los mais receptíveis à legislação que será instituída.

Exponhamos, de modo extremamente sumário, o fio de pensamento desse preâmbulo. Há três teses ímpias que se deverão combater: a primeira, a de que os deuses não existem; a segunda, a de que existem, mas não se preocupam com as coisas humanas; a terceira, a de que existem, se preocupam com os homens, mas se deixam convencer com preces e sacrifícios (885b4-9). É contra a primeira dessas teses, contudo, que o principal dos argumentos do Ateniense é dirigido, um argumento que constitui uma complexa refutação do ateísmo (885c1-899d3).

Na base do ateísmo, explica o Ateniense, está uma concepção equivocada, porque materialista, da φύσις (886d4-890b2). Esse erro de base consiste em não reconhecer a prioridade da alma sobre o corpo como princípio de toda a geração e de todo o movimento, e em tomar, pelo contrário, o corpóreo como a base de tudo o que é natural (891b8-892c8). Dessa forma, aquilo que mais nos pareceria divino, i.e., o Sol, a Lua, os astros e seus movimentos, regulados e ordenados como um coro celeste, não passaria do resultado inanimado de uma série de encontros fortuitos dos elementos básicos, que teriam concorrido, ao acaso, para produzir o atual estado dos corpos celestes.

Ora, se o ateísmo está fundamentado em uma filosofia natural, é igualmente nesse campo que a ele se deve responder. Assim, o preâmbulo do Ateniense rapidamente se torna um verdadeiro ensaio de filosofia natural, uma investigação περὶ φύσεως que busca demonstrar a prioridade da alma como princípio físico fundamental. Combinada com a atestação, a partir da observação e da experiência, da excelência dos movimentos do universo, a tese de que o princípio da natureza é anímico e animado desembocará efetivamente na afirmação da divindade do princípio do cosmo.

---

2 Não podemos, aqui, entrar na discussão sobre o importante papel dos preâmbulos nas *Leis* como um todo, nem naquela sobre a importância singular do livro X no conjunto do diálogo. Sobre esses temas gerais, há bastante bibliografia disponível, dentre as quais cf., em particular, Centrone (2021) e Laks (2022).

3 Todas as traduções das *Leis* são do autor.

Esse esboço, apesar de muito apressado, basta para mostrar a densidade filosófica do preâmbulo contra a impiedade e, de forma geral, do livro X das Leis. Não apenas todo o campo da metafísica – teologia, psicologia, e cosmologia – abre-se perante os argumentos do Ateniense mas, mais ainda, toda essa metafísica joga em paralelo com um tipo de investigação *περὶ φύσεως* que é singular em toda a obra platônica.

Com efeito, para mostrar que a alma é o princípio da natureza, e primeira na geração e no movimento, o Ateniense precisa levar a cabo uma investigação sistemática acerca da geração, e do movimento como um todo. Essa investigação desenvolve-se a partir de uma muito célebre *classificação das formas de movimento* (893b1-894c9) em que se procura identificar todos os tipos de movimento, tomando-os segundo sua forma e enumerando-os (*κινήσεις πάσας εἰρήκαμεν ὡς ἐν εἴδεσιν λαβεῖν μετ' ἀριθμοῦ*, 894a8-b1).<sup>4</sup> É essa classificação que permitirá ao Ateniense finalmente demonstrar que a alma, ou o “movimento que é capaz de mover a si mesmo” (895e10-896a2), é o primeiro e mais poderoso de todos eles (894c10-d4).

A classificação dos movimentos é um texto extremamente comentado e disputado.<sup>5</sup> Ainda assim, creio, há muito trabalho a se fazer no sentido de uma compreensão mais adequada do objetivo e do método do Ateniense nessa passagem, assim como no sentido da identificação do número e da natureza das formas de movimento. A presente investigação visa, justamente, avançar uma pequena contribuição nesse sentido.

Aquilo que se tentará fazer é, de forma muito pontual, a análise em pormenor de *uma* das dez formas de movimento discutidas pelo Ateniense na classificação, nomeadamente a primeira delas, que é o movimento em um só lugar ou movimento circular. Essa é, no entanto, uma forma de movimento especialmente importante – e uma que, curiosamente, recebeu pouca atenção dos comentadores dessa passagem, se considerada a sua importância. Como veremos, o movimento circular, além de ser por si mesmo fascinante, tem consequências profundas para o argumento do Ateniense no preâmbulo contra a impiedade, ressoando com implicações cosmológicas, psicológicas

---

4 ‘Forma’ é aqui simplesmente a melhor tradução do termo grego, ‘εἶδος’. Não pretendo, com isso, tomar uma posição relativamente à questão de saber se o termo está aqui a ser utilizado no seu sentido técnico, ou se a chamada ‘Teoria das Formas’, típica dos diálogos intermédios, está presente nas Leis. Julgo de fato que ela está, e que a nossa passagem deve ser lida à luz desse pressuposto, mas o argumento que se segue é independente dessa posição.

5 Para um excelente estado da arte acerca dessa passagem, cf. Centrone (2021, pp. 204-226).

e teológicas. Não poderemos, como é natural, explorar todas essas consequências, mas buscaremos apontar para elas na conclusão. Por ora, contudo, precisamos mergulhar na discussão detalhada dessa forma de movimento.

## 2. Caracterização geral do movimento circular

O Ateniense começa a sua classificação dos movimentos a partir de um questionamento de caráter absolutamente geral: “será o caso,” pergunta ele, “que todas as coisas ficam paradas, e nada se move? Ou será exatamente o contrário disso [i.e., tudo se move e nada fica parado]? Ou será que algumas das coisas se movem, e outras ficam em repouso?” (893b7-8). A resposta, tomada aqui como óbvia, é que algumas se movem e outras repousam.<sup>6</sup> Ele então continua: “E por acaso não é em algum lugar que as coisas que ficam paradas ficam paradas e as coisas que se movem se movem?” (893c1-2). Diante da resposta afirmativa, ele avança para aquele passo que, para nós, é crucial: “E, de fato, algumas coisas fazem isso [i.e., mover-se] em um local, e outras em muitos locais” (893c3-4).

Nestas primeiras linhas, encontramos assim a primeira e a segunda forma de movimento: respectivamente, o movimento em um único local e o movimento em muitos locais. Foquemo-nos nesta primeira forma, que será o objeto da nossa investigação: *movimento em um único local* (ἐν μιᾷ ἔδρῳ); rotação ou revolução (περιφορά) – ou, simplesmente, como também podemos chamá-lo, ‘movimento circular’ ou ‘locomoção circular’<sup>7</sup>. A caracterização deste tipo de movimento, que vai de 893c4 a 893d5, pode ser dividida em três partes:

---

6 Nesse momento do diálogo, Clínius e Megilo apenas escutam, e o Ateniense dialoga “consigo próprio,” ele mesmo fazendo as perguntas e as respondendo.

7 Para efeitos de brevidade e economia, usarei os termos ‘movimento circular’ e ‘locomoção circular’ indistintamente aqui. Uma análise mais detalhada do argumento geral do livro X das *Leis*, entretanto, teria que levar em conta o fato – extremamente relevante para a argumentação do Ateniense – de que nem todo movimento circular é uma locomoção. Retornarei brevemente a esse ponto na conclusão. Também ficará mais claro, conforme avançamos, que Platão concebe todo o sistema do movimento circular (centro, periferia, circunferência) como um único todo coordenado. Por causa disso, talvez, ele não precise distinguir entre a rotação de uma coisa sobre si mesma e a translação circular em torno de um centro, colocando-os como duas formas distintas de movimento na classificação.

i. aquilo que poderíamos chamar, propriamente, a "fórmula" ou o "enunciado" (ο λόγος) desse movimento:

τὰ τὴν τῶν ἐστῶτων ἐν μέσῳ λαμβάνοντα δύναμιν λέγεις, φήσομεν, ἐν ἐνὶ κινεῖσθαι (893c4-5);<sup>8</sup>

ii. uma *ilustração* do enunciado:

καθάπερ ἢ τῶν ἐστάναι λεγομένων κύκλων στρέφεται περιφορὰ (893c5-6);

iii. e a discussão de uma *propriedade espantosa* desse movimento:

μανθάνομεν δέ γε ὡς ἐν ταύτῃ τῇ περιφορᾷ τὸν μέγιστον καὶ τὸν σμικρότατον κύκλον ἅμα περιάγουσα, ἢ τοιαύτη κίνησις ἀνά λόγον ἑαυτὴν διανέμει σμικροῖς τε καὶ μείζουσιν, ἐλάττων τε οὔσα καὶ πλείων κατὰ λόγον· διὸ δὴ τῶν θαυμαστῶν ἀπάντων πηγὴ γέγονεν, ἅμα μεγάλοις καὶ σμικροῖς κύκλοις βραδυτητάς τε καὶ τάχῃ ὁμολογούμενα πορευούσα, ἀδύνατον, ὡς ἄν τις ἐλπίσαιε, γίγνεσθαι πάθος (893c7-d5).

O nosso objetivo aqui será fornecer uma nova tradução e uma nova chave de interpretação de cada um desses aspectos da caracterização do movimento circular.

A discussão em torno da nossa passagem sempre se concentrou nessa última parte, (iii). Podemos também começar por aí, traduzindo-a:

*E nós percebemos então que, como o maior círculo de todos e o menor são carregados ao mesmo tempo na mesma rotação, esse tipo de movimento se distribui proporcionalmente aos círculos menores e aos maiores, sendo menos ou mais de acordo com a sua proporção. É por isso, de fato, que ele veio a ser a fonte de todo tipo de maravilhas, pois ele fornece lentidão e rapidez ao mesmo tempo, em concordância, para os círculos grandes e para os pequenos – um estado em que pensaríamos ser impossível as coisas estarem. (893c7-d5).*

O que parece espantoso no movimento circular é o fato de que, considerando o círculo inteiro como aquilo que está em movimento (i.e., se tomarmos como o móvel o disco todo, e não apenas um único ponto ou a circunferência

8 Aqui e sempre, o grego é da edição de Burnet.

do disco), as coisas no interior desse círculo se movem com velocidades lineares diferentes, mas com a mesma velocidade angular. As suas velocidades lineares, de fato, variam proporcionalmente de acordo com a sua distância em relação ao centro. Em termos modernos, é o que se expressa com a fórmula  $v = \omega r$ , onde  $v$  é a velocidade linear de um elemento do círculo a uma distância  $r$  do centro, e  $\omega$  é a velocidade angular do círculo.

Isso quer dizer que todos os pontos neste círculo, assim como todos os círculos menores que ele contenha, se movem com um único movimento coordenado (“ἐν ταύτῃ τῇ περιφορᾷ [...] ἅμα περιάγουσα”) – um movimento que, por assim dizer, *faz, de muitos, um*. No sentido contrário, também poderíamos dizer, se preferíssemos, que um mesmo movimento “se distribui proporcionalmente [ἀνά λόγον ἑαυτὴν διανέμει] aos círculos menores e maiores” (893d1-2) e, assim, *cria, a partir de um, muitos movimentos*, ao mesmo tempo em que *governa* esses movimentos, múltiplos e díspares entre si, unificando-os, mesmo, por meio da instituição de proporção.

E talvez mais espantosa ainda seja a capacidade que tem a rotação de conciliar, num mesmo movimento, lentidão e rapidez. A mesma rotação, nos dizia o Ateniense, *confere esses atributos, contrários entre si, aos círculos inscritos no sistema do movimento circular*. Dessa forma, a rotação consegue, de alguma maneira, unificar e acomodar os contrários no seu movimento.<sup>9</sup>

No seu comentário a essa passagem, England (1921, p. 464) observa que “Platão devia ter alguma razão, em especial, para se demorar nessa peculiaridade do movimento circular,” e acredita que esta razão só pode ter a ver com o movimento dos corpos celestes. Taylor (1934, p. 284) responde a essa observação dizendo que, de fato, aquilo que Platão teria em mente, aqui, seria a explicação da velocidade dos planetas, que seria proporcional à distância

---

9 Há qualquer coisa de profundamente paradoxal no movimento circular. Isto é algo a que os antigos sempre estiveram atentos e que é, poderíamos dizer, a chave da sua capacidade de espanto. Com efeito, há uma referência clara, na nossa passagem, ao fato de que o movimento circular parece querer desafiar o princípio da não contradição (ou, se preferirmos, da não contrariedade). Esse princípio, formulado pela primeira vez em *Resp.*, 436b8-9, afirma que “a mesma coisa não pode produzir ou sofrer contrários ao mesmo tempo, na mesma parte, e a respeito do mesmo”. Ora, aqui, nas *Leis*, o que está em jogo é precisamente algo que consegue *produzir, ao mesmo tempo, lentidão e rapidez*, movimentos muito lentos e movimentos muito rápidos. Certo, ele não produz esses contrários na mesma coisa ou na mesma parte, mas sim em círculos distintos – e é isso o que o impede de tornar-se uma simples e pura contradição. Mas, novamente, esses círculos estão todos, por sua vez, contidos numa certa unidade que é aquela do movimento coordenado de uma mesma rotação.

das suas órbitas em relação ao centro do sistema cósmico.<sup>10</sup> Post (1944, pp. 299-300), por sua vez, em comparação com o tratado peripatético *Problemas Mecânicos*, afirma que Platão, também, assim como o autor daquele tratado, estaria interessado nos poderes mecânicos espantosos das alavancas.

Concordo que as propriedades do movimento circular não deixam de ter consequências para aquelas questões cosmológicas que constituem a preocupação principal de toda a demonstração levada a cabo pelo Ateniense. E é verdade também que a origem do poder das alavancas se deve procurar nas propriedades peculiares do círculo – e em especial nas suas propriedades paradoxais, como o autor dos *Problemas Mecânicos* bem observou (cf. 847b10-19). Mas isso não quer dizer que o que está em jogo, aqui, é simplesmente um fenômeno cósmico, ou que Platão esteja meramente apontando para um aspecto curioso do movimento circular, associado a este ou aquele enigma astronômico ou mecânico.<sup>11</sup>

Não podemos nos apressar demais em identificar uma referência a este ou aquele fenômeno concreto e, com isso, perder de vista o fato de que há algo genuinamente espantoso acerca do movimento circular ele próprio, considerado, de forma abstrata, como uma *forma peculiar de movimento*. Em outras palavras, não é preciso procurar por nenhuma razão especial para nos demorarmos nas características do movimento circular, porque ele é espantoso a um nível muito mais fundamental: seja este o movimento de um pião ou de um planeta, é espantoso o poder que ele tem de, por meio da proporção, unificar uma multiplicidade e presidir sobre ela; e é espantoso o poder que tem de fazer coincidir aspectos díspares – e mesmo contrários – numa mesma harmonia e unidade. É para isto, creio, que o Ateniense nos chama a atenção aqui: para a *natureza espantosa* do movimento circular. E é algo que passou ao largo dos comentadores dessa passagem enquanto tentavam encontrar algum significado extrínseco que justificasse sua importância ou alguma conexão com fenômenos cosmológicos ou mecânicos. Antes de explorar as suas consequências astronômicas ou técnicas, o que faltou foi considerar mais a fundo a natureza mesma desse movimento. E é essa investigação que devemos nós também agora aprofundar.

---

10 Skemp (1967) defende uma posição semelhante. Na verdade, entretanto, não é completamente claro a maneira com que essa propriedade do movimento circular, por si mesma, ajudaria a resolver as dificuldades envolvidas na explicação dos movimentos dos planetas, que são extremamente complexos.

11 Cf., na direção correta, Mayhew (2008, pp. 107-109).

### 3. O enunciado do movimento circular

De fato, antes mesmo daquela propriedade espantosa do movimento circular, há algo de extremamente curioso na própria forma como esse movimento é descrito pelo Ateniense – algo no próprio *enunciado*, ou λόγος, do movimento circular (nossa seção (i) acima), e na *ilustração* que o segue (seção (ii)) – que exige, penso, um exame mais aproximado, que leve em conta suas complexidades textuais e filosóficas. Uma vez que os comentadores da nossa passagem sempre se focaram, como já foi dito, na seção (iii), que verte sobre as propriedades espantosas do movimento em um só lugar, as outras partes da caracterização desse movimento não foram, até hoje, analisadas em pormenor. É a esse exame, então, que devemos agora nos dedicar, se quisermos compreender melhor a natureza desse tipo de movimento.

Para começar, é preciso notar que o grego de Platão, nesta passagem, é extremamente desafiador. Estamos falando de uma frase (indo de 893c4 a 893c7) que, nas mãos de diferentes tradutores, deu lugar a resultados muito diversos. Essa variedade de traduções fica muito clara, por exemplo, quando comparamos as diferentes soluções de tradutores anglófonos para a nossa passagem:

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| <b>Texto original (893c4-7)</b> | “τὰ τὴν τῶν ἐστῶτων ἐν μέσῳ λαμβάνοντα δύναμιν λέγεις, φήσομεν, ἐν ἐνὶ κινεῖσθαι, καθάπερ ἢ τῶν ἐστάναι λεγομένων κύκλων στρέφεται περιφορά”  |
| <b>Taylor (1934)</b>            | “When you speak of moving in a single situation, I shall reply, you refer to <i>things characterized by the immobility of their centres</i> , as is the case with the revolution of so-called ‘sleeping’ circles?”    |
| <b>Skemp (1967)</b>             | “Is it of moving things <i>which have the power of being stationary at their centre</i> that you speak’, we shall reply, ‘when you say that they move in one place, like the revolution of so-called ‘humming tops’?” |

|                        |  |
|------------------------|--|
| <b>Saunders (1970)</b> | “Do you mean’, we shall reply, ‘that “moving in one location” is the action of <i>objects which are able to keep their centers immobile</i> ? For instance, there are circles which are said to “stay put” even though as a whole they are revolving.” |
| <b>Mayhew (2008)</b>   | “Do you mean <i>those things that have the power of standing still in the middle</i> ’, we’ll say, ‘and to move in one place, just as the circumferences of circles said to stand still revolve?’”   |
| <b>Griffith (2016)</b> | “Do you mean that <i>those which have the property of being stationary at their centre point</i> ’, we shall say, ‘are in motion in a single location, as for example circular bodies which rotate but are described as stationary?’” <sup>12</sup>    |

Essas traduções são interessantes para nós, em primeiro lugar, precisamente porque são tão diferentes umas das outras. Quase todas as palavras da frase variam de acordo com as escolhas do tradutor, e o resultado dessa variação é que temos imagens bastante distintas daquilo que seria o movimento em um só lugar. Em sua diversidade, essas traduções já nos permitem, assim, vislumbrar a complexidade da ideia de movimento circular — especialmente, como veremos, na medida em que começam a tornar visível a delicada interação entre círculo, centro, e periferia que estará em jogo nesse tipo de movimento.

Mas essa coleção também é interessante, por outro lado, por algo que todas as traduções têm em comum: todas elas falham, creio eu, em verter satisfatoriamente as palavras “τὴν τῶν ἐστῶτων [...] δύναμιν” (em itálico no quadro acima), que formam o núcleo da descrição do movimento em um único lugar feita pelo Ateniense. Vamos começar nossa análise, então, nos focando nessa expressão.

12 O inglês é a língua que conta com mais traduções das *Leis*, e nos permite, assim, uma comparação mais precisa das diferentes interpretações dos tradutores. Mas cf. também, numa direção parecida às soluções acima, por exemplo, as traduções de referência em alemão, de Schöpsdau: “die Fähigkeit besitzen, in ihrem Mittelpunkt festzustehen”; e em francês, de Diès: “celles qui demeurent immobiles en leur centre”.

#### 4. As coisas que se movem e as coisas que ficam paradas no enunciado do movimento circular

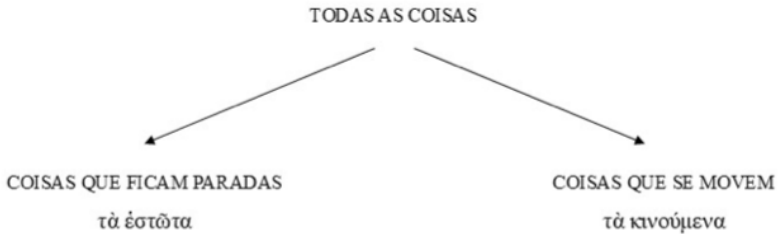
No cerne da questão está a maneira como todas as traduções acima revelam uma tendência, primeiro, a considerar “τὴν τῶν ἐστῶτων [...] δύναμιν” como a caracterização de alguma *propriedade* ou *poder abstrato* que pertenceria às coisas que se movem em um só lugar;<sup>13</sup> e, segundo, a minimizar completamente a força do participio “λαμβάνοντα”, a ponto de o termo perder qualquer referência a um processo real de tomar ou receber alguma coisa. Nesse sentido, os intérpretes acima falam de alguma “característica de imobilidade” (“characteristic of immobility”), de seu “poder de permanecer imóveis” (“power of standing still”), de seu “poder de serem estacionárias” (“power of being stationary”) e assim por diante.

Uma tradução mais literal, e mais fiel, entretanto, deveria, primeiramente, estar atenta ao participio empregado no texto original. Para ser mais preciso: a δύναμις aqui, o poder que se diz que as coisas que se movem circularmente têm, é expressamente caracterizada em grego como “o poder *das coisas que ficam paradas*”, de τὰ ἐστῶτα.<sup>14</sup> Claro, dizer que algo tem o poder próprio das coisas que ficam paradas implica, de fato, que esse algo tem algum poder de ficar parado. Mas o que é interessante, e o que pode facilmente se perder na tradução se não tomarmos cuidado, é a maneira explícita como o Ateniense explica as coisas que se movem em um lugar *em termos de um outro tipo de coisas*, a saber, aquelas que ficam paradas. Dito de outra forma, o que pode facilmente passar despercebido é a maneira como, em particular, o poder que esse tipo de móveis possui é caracterizado de forma bastante *concreta* como o poder que pertence às coisas que ficam paradas. Isso é especialmente relevante porque τὰ ἐστῶτα, não podemos nos esquecer, eram precisamente aquelas coisas que o Ateniense distinguira das coisas em movimento no início de sua classificação: apenas algumas linhas antes, como vimos, todas as coisas que se movem, por um lado — seja em um lugar ou em muitos — haviam sido contrastadas, por outro lado, com as coisas que ficam paradas; e esses dois

13 Platão poderia perfeitamente ter escrito ‘τὴν τοῦ ἐστάναι δύναμιν’ – mas, de fato, não foi isso o que ele escreveu.

14 Naturalmente, uma tradução desse tipo tem a desvantagem de tornar o texto extremamente carregado, de um ponto de vista estilístico. Isso será sentido nas nossas propostas de tradução e na nossa discussão da passagem. Deve-se ter em mente que as traduções propostas têm como objetivo reter, no português, toda a informação contida no texto grego original, e que não têm a pretensão de fazer jus à qualidade literária do texto de Platão nem de atingir a naturalidade esperada de um texto voltado para o público não especialista.

tipos de coisas haviam sido nitidamente caracterizadas como formando duas classes distintas (893c1-3).



Somente depois que essa distinção básica fora estabelecida, pôde o Ateniense prosseguir com sua identificação e classificação das formas de movimento. Assim, o que o enunciado das coisas que se movem em círculo parece sugerir não é a caracterização abstrata de uma certa capacidade que elas têm de ficar paradas no centro, como a maioria das traduções vistas até aqui sugerem, mas uma verdadeira relação que a ideia desse movimento implica, de uma forma ou de outra, entre esses dois tipos fundamentais de coisas: τὰ κινούμενα e τὰ ἐστῶτα. Através dessa relação peculiar, como veremos, as coisas que se movem em um só lugar, ao contrário daquelas que se movem em muitos lugares, mantêm, mesmo sendo κινούμενα, alguma conexão importante com as coisas que ficam paradas, i.e, com a categoria anterior no esquema do Ateniense.

Resta, é claro, o desafio de compreender a natureza exata da relação em questão. Para isso, devemos analisar cuidadosamente a maneira como o Ateniense se expressa. Entre as coisas que se movem, ele diz:

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
| <b>Texto original (893c4-7)</b> | “τὰ τὴν τῶν ἐστῶτων ἐν μέσῳ λαμβάνοντα δύναμιν λέγεις [...] ἐν ἐνὶ κινεῖσθαι” |
|---------------------------------|---|

Como entender essa descrição? Infelizmente, nossa tarefa se torna mais difícil por causa da sintaxe complicada da frase e, em particular, por causa dos papéis ambíguos de “λαμβάνοντα” e “ἐν μέσῳ” na descrição, que parecem tornar a expressão do Ateniense irremediavelmente equívoca.<sup>15</sup> Podemos, no entanto, avançar algumas hipóteses.

<sup>15</sup> Essa dificuldade não foi ignorada por todos os comentadores, cf. Lewis 1845, p. 24; Mayhew 2008, p. 107.

Uma primeira possibilidade seria ler “ἐν μέσῳ” com “λαμβάνοντα”, de tal forma que teríamos:

**Tradução 1** “aquelas [i.e., aquelas coisas móveis] que, no meio, assumem o poder das coisas que ficam paradas [...] você diz que se movem em um só lugar”.

Qual é a imagem do movimento circular que obtemos com essa tradução? Nessa leitura, “ἐν μέσῳ” demarcaria *onde, nas coisas que se movem circularmente*, elas assumem o poder das coisas que ficam paradas – ou seja, no seu meio ou centro, mas não na sua periferia, onde, precisamente, elas se movem. Nessa tradução, não é possível determinar muito bem a maneira como elas assumem esse poder ou a partir de onde exatamente o obtêm.

O que essa descrição parece destacar é, antes, algo como uma complexidade interna das coisas que se movem circularmente: algo delas (uma parte ou componente, poderíamos dizer), que é o seu centro, assumiria o poder de ficar parado, enquanto algo delas se moveria. Nessa tradução, as coisas que se movem em círculo são apresentadas, de alguma maneira, como entidades *compostas* ou *complexas*, e as coisas que ficam paradas — ou algo que assume o poder próprio dessas coisas — parecem fazer parte dessa composição.

Mas há também outra possibilidade, que é ler “ἐν μέσῳ” junto com “τῶν ἐστῶτων”. Então teríamos algo como:

**Tradução 2** “aquelas que assumem o poder das coisas que ficam paradas [que estão] no [seu] meio [...] você diz que se movem em um só lugar”.

Vemos bem que uma versão alternativa do mesmo texto grego resulta em uma análise do movimento circular que é completamente diferente. ‘ἐν μέσῳ’ funciona aqui de forma a *especificar quais são as “coisas que ficam paradas” em questão*, determinando-as por referência à sua posição relativamente às coisas que se movem: as coisas que ficam paradas cujo poder é assumido pelas coisas que se movem em círculos são aquelas que estão no meio destas.

O que essa leitura sugere, então, é que há algo no meio das coisas que se movem circularmente (i.e., o seu centro, o algo que funciona como o seu centro); que essa coisa fica parada; e que a coisa que se move, como um todo, de alguma forma, assume o poder que é o poder dessa coisa parada. Mais uma vez cabe dizer, a natureza precisa dessa relação é muito difícil de determinar,

uma vez que ela parece envolver um misto de atividade e passividade (uma ambiguidade intrínseca ao verbo *λαμβάνω*): a coisa que se move em círculo assume, em certa medida, o poder de ficar parado que é próprio do seu centro, aproveitando-se da sua estabilidade ao mesmo tempo em que ela gira em torno dele; mas é o centro que permanece como a fonte ativa desse poder, e é a partir do centro que o poder peculiar da rotação se irradia por todo o círculo.

É importante notar que, nesta tradução, aquilo que o enunciado desse movimento expressa não é uma afirmação acerca de uma parte da coisa que se move – uma parte, central, que assumiria o poder das coisas *ἐστῶτα* –, mas uma afirmação acerca da forma pela qual o móvel *como um todo*, de alguma forma, tem um pouco desse poder. Isso leva, é claro, à questão de determinar a maneira exata pela qual o movente inteiro tem esse poder. Não pode ser de maneira simples, não-qualificada – ou então, como certa vez disse um importante intérprete de Platão, o móvel não seria “senão um centro imenso” (Plotino, *Enn.*, II.2, 1, 32-33). Antes, tem de ser à sua maneira que o que se move em círculo assume o poder das coisas que ficam paradas, i.e., de acordo com sua capacidade e segundo sua própria natureza de movente.

A ênfase aqui então é menos nas coisas que ficam paradas como componentes daquelas que se movem em círculo, e mais no fato de que o poder desses moventes, como um todo, é de alguma forma derivado das coisas estacionárias ou tem nelas sua origem. A coisa que, no centro, fica parada, tem uma *δύναμις* originária, que eventualmente se torna, em certa medida, a *δύναμις* da coisa que se move em círculo.<sup>16</sup> Novamente, essa leitura não é incompatível com a ideia de que há uma complexidade interna das coisas que se movem circularmente, ou de que o centro é uma parte do círculo, mas aquilo que ela enfatiza é antes a dependência desses moventes *como um todo* em relação às coisas que ficam paradas.

Embora seja impossível determiná-lo com certeza, acredito que a Tradução 2 é, de forma geral, preferível em relação à primeira. Não apenas ela dá um sentido mais definido a *λαμβάνω* (um sentido no qual a coisa imóvel, cujo poder é recebido por aquela que se move em círculo, é explicitamente designada como sendo aquela que está em seu centro; o que, por sua vez, nos permite enxergar com clareza esta relação entre duas coisas muito bem determinadas), mas também funciona como uma explicação mais direta do comportamento de todo o sistema do movimento circular.

---

16 Um dos fatores que tornam a descrição das coisas que se movem em círculo tão complicada é a presença dessa noção platônica tão crucial quanto esquiva que é a noção de *δύναμις*.

Nesse sentido, é significativo, por exemplo, que, de acordo com essa leitura, se torne muito mais intuitiva a relação entre aquilo que nós chamamos o enunciado (seção (i) na divisão inicial) e a ilustração (seção (ii)) do movimento em um só lugar. Consideremos as duas seções de uma só vez: “as que assumem o poder daquelas coisas que ficam paradas no seu meio,” diz o Ateniense, “você diz que se movem em um só lugar,” e ele continua, “assim como gira a revolução de círculos que dizemos ficarem parados [καθάπερ ἡ τῶν ἐστάναι λεγομένων κύκλων στρέφεται περιφορᾷ]” (893c4-7). O raciocínio dessas linhas se torna assim bastante claro: o ponto é chamar a atenção para a maneira pela qual os próprios círculos, como um todo, assumindo o poder das coisas que ficam paradas no seu meio, podem ser descritos, de alguma forma, tal qual os seus centros, como ficando parados – ainda que estejam em movimento, na medida em que estão em revolução. Dito de outra forma: sem deixar de ser coisas que estão em movimento (não nos esqueçamos de que, como acabamos de ver, desses mesmos círculos foi dito que eles são “carregados na mesma revolução” (ἐν ταύτῃ τῇ περιφορᾷ τὸν μέγιστον καὶ τὸν σμικρότατον κύκλον ἅμα περιάγουσα, 893c7-8)) e de alguma forma assumem o poder de ficar parado que é próprio dos seus centros. Eis a peculiaridade desse tipo de móvel. Não é apenas o seu centro que está em repouso, mas – ainda que à sua própria maneira – ele todo, graças ao centro.

Essa ideia pode parecer surpreendente, mas não é de forma alguma estranha a Platão. Ela já tinha sido explicitamente discutida naquela que nós poderíamos chamar, sem exagero, de uma das passagens mais importantes da *República*. Essa passagem, que já mencionamos, aparece no final do quarto livro, quando Sócrates considera alguns possíveis desafios ao princípio de acordo com o qual a mesma coisa não pode produzir ou sofrer contrários ao mesmo tempo, na mesma parte, e a respeito do mesmo (436b8-9). Após descartar rapidamente o caso mais simples de um homem que fica parado, mas move as suas mãos, Sócrates considera as coisas em rotação – e, mais concretamente, os piões – como sendo possíveis desafios ao princípio da não contrariedade: essas coisas, diz ele, “como um todo ficam paradas e se movem *quando, com a ponta fixada no mesmo lugar, elas giram*” (ὅλοι ἐστᾷσι τε ἅμα καὶ κινοῦνται, ὅταν ἐν τῷ αὐτῷ πῆξαντες τὸ κέντρον περιφέρωνται, 436d5-7).

É claro que, como Sócrates esclarecerá mais adiante, os piões não são realmente uma exceção ao princípio: eles ficam parados e se movem de acordo com aspectos diferentes, i.e., em relação ao seu eixo ou à sua circunferência, respectivamente. Mas aquilo que é interessante para nós é, em primeiro lugar, a ideia de que, em um sentido importante, podemos dizer das coisas em movimento circular, assim como de seus centros, que ficam paradas; e, em

segundo lugar, a ideia, bem ilustrada no caso dos piões, de que podemos dizer que elas ficam paradas porque têm algo fixo no meio – nesse caso, muito concretamente, a sua ponta –, pelo qual estão presas, cujo poder de alguma forma absorvem, e em virtude do qual podem se mover ao mesmo tempo em que permanecem no mesmo lugar.

Por fim, e para voltarmos ao início da nossa discussão, pode ser útil salientar que uma tal imagem da locomoção circular se coaduna muito bem com aquela propriedade espantosa que, como vimos, era própria desse movimento (seção (iii) da divisão inicial). Como o Ateniense enfatizara, o movimento circular “se distribui proporcionalmente aos círculos menores e aos maiores, sendo menos ou mais de acordo com a sua proporção” (893d1-2). Ora, também a  $\delta\upsilon\nu\alpha\mu\iota\varsigma$  do centro pode ser descrita como distribuindo-se proporcionalmente por todos os círculos concêntricos do sistema de rotação: de fato, a velocidade destes círculos aumenta em *proporção inversa à sua distância do centro* – que, como vimos, funciona como princípio de unidade, harmonia e estabilidade para todo o sistema.<sup>17</sup>

## 5. Enunciado e explicação do movimento circular

No final das contas, porém, é importante notar que tanto a Tradução 1 quanto a Tradução 2 parecem ser versões possíveis do grego e que, em última análise, ambas produzem análises verdadeiras, e talvez até compatíveis, da locomoção circular.<sup>18</sup>

---

17 Novamente, há ecos claros, em diálogos anteriores, dessa ideia segundo a qual o poder de rotação do círculo se irradia a partir do centro: cf. *Timeu*, 34b3-6: “E tendo colocado a alma no seu meio [ou seja, no meio do corpo do cosmos], ele [ou seja, o Demiurgo] estendeu-a através dele, até ao ponto em que cobria todo o seu corpo por fora; e, o círculo girando em um movimento circular, ele criou o universo – uno, único e solitário”. Finalmente, também obtemos, através dessa análise, uma compreensão mais clara do motivo pelo qual Platão pode conceber o movimento circular como um sistema unificado. E isso, por sua vez, pode ajudar a explicar por que o Ateniense não precisa separar, na classificação dos movimentos, a rotação (o movimento de todo o círculo sobre si mesmo) e a translação circular (o movimento ao redor do centro de algo na periferia do círculo) como duas formas distintas. De tudo o que se move em translação em torno de um centro podemos dizer que está na mesma relação de dependência do poder desse centro como está um círculo ou disco em rotação. A rotação e a translação circular, então, podem ser consideradas simplesmente como aspectos diferentes do mesmo movimento: locomoção circular vista do ponto de vista do todo ou de uma parte do sistema de movimento. É importante salientar, entretanto, que essa questão não é tratada explicitamente no texto das *Leis*.

18 Sendo Platão, seria exagero perguntarmo-nos se ele não estaria, talvez, explorando a ambiguidade daquela frase?

O que é certo – vale ressaltá-lo mais uma vez – e o que é verdadeiramente crucial nesta discussão, é que não é possível entender a complexidade sintática da descrição que o Ateniense faz do movimento em um só lugar se lermos essa frase como simplesmente caracterizando as coisas que se movem em círculo por meio de algum poder abstrato que elas teriam; um poder de ficar-paradas-no-centro, como sugerem muitas das traduções dessa passagem.<sup>19</sup>

Muito pelo contrário, ao levarmos a sério a construção participial, ficou claro para nós que, de forma muito mais interessante, o que está sendo descrito é uma relação concreta entre κινούμενα e ἐστῶτα, e mesmo *uma interação*, integral a esse tipo de movimento, *entre a coisa que se move em círculo e alguma coisa que fica parada*. Com efeito, a nossa análise da descrição do Ateniense revelou algo de ainda mais preciso – algo que se tornou especialmente evidente depois que demos nova vida àquele λαμβάνω que as traduções anteriores haviam praticamente apagado: quer sigamos a Tradução 1 ou a Tradução 2, o que nos é firmemente transmitido é que a natureza dessa relação é tal que as coisas que se movem circularmente recebem ou se apoderam do poder das coisas que ficam paradas, dependendo destas últimas para realizar seu movimento.

Isso significa que, corretamente entendida, a descrição do Ateniense não apenas incorporaria a classe das coisas ἐστῶτα, previamente definida na classificação, como um elemento na explicação do movimento circular, mas, mais importante, ela mostraria que essas coisas fornecem o *princípio* e a *explicação*, por assim dizer, das características distintivas e espantosas do movimento circular. A conexão que as coisas que se movem circularmente mantêm com as coisas que permanecem imóveis e com seu poder de imobilidade é a *razão pela qual* elas conseguem se mover com um tipo tão especial de movimento.<sup>20</sup>

---

19 Mais uma vez, não se trata de negar que as coisas que se movem em círculo tenham o poder peculiar de se mover enquanto permanecem no mesmo lugar ou ficam paradas *num certo local, isto é, no centro*. Só não penso que seja isso o que o enunciado desse movimento expressa. Na verdade, dizer que essas coisas se movem ao mesmo tempo em que conseguem ficar paradas *no centro* não é muito diferente de dizer que elas se movem em um único lugar — mas é exatamente isso o que o enunciado é chamado a explicar. Para dizê-lo de forma mais simples, o que temos aqui é um *explanandum* – o movimento em um único lugar do móvel que se movimenta circularmente, com todas as suas peculiaridades – e uma *explicação* – a identificação de alguma relação entre esse móvel e as coisas que ficam paradas (há algo parado no qual o móvel está preso, ou que o móvel tem como parte etc).

20 Nesse sentido, é menos correto dizer que as coisas que se movem em círculo são aquelas que conseguem manter seus centros imóveis – como, por exemplo, na tradução de Saunders no quadro acima – do que dizer, ao contrário, que seus centros (que são coisas imóveis) mantêm paradas as coisas que circulam.

## 6. Conclusões

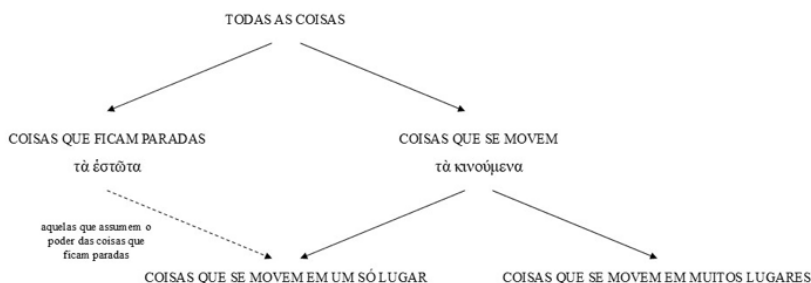
Sob essa interpretação, o que estamos obtendo é não apenas uma nova compreensão do movimento circular em si – aspecto fundamental do pensamento de Platão nas *Leis* e para além das *Leis* –, mas também uma imagem diferente, e mais específica, da função do enunciado que o Ateniense nos dá desse movimento. Começa a ficar claro, penso, que esse enunciado não é uma mera *descrição* da forma como o movimento em um só lugar se nos parece; nem uma simples tentativa de individuar esse movimento por meio de alguma propriedade distintiva que ele teria; nem ainda um simples esclarecimento do significado da expressão “ἐν ἐνί κινεῖσθαι” (como muitas traduções sugerem); mas uma *explicação causal*, no sentido forte, desse tipo de movimento: *por que* uma coisa se move em um único lugar? *Porque* ela assume o poder de um centro imóvel. Ela se move em um lugar porque, de uma forma ou de outra, tem uma conexão com o domínio das coisas que permanecem imóveis e porque há alguma coisa deste tipo que funciona como um princípio de estabilidade para seu movimento.

Olhando para o panorama mais geral da classificação dos tipos de movimento feita pelo Ateniense, vemos agora que a distinção entre as coisas que se movem em um lugar e as coisas que se movem em muitos lugares decorre diretamente da distinção mais básica entre coisas que ficam paradas e coisas que se movem: entre estas últimas, aquelas que conseguem manter algum tipo de relação essencial com a categoria anterior acabam se movendo em um único lugar, sua própria ação imbuída, em certa medida e de acordo com sua natureza, da δύναμις das coisas em repouso.<sup>21</sup> A relação com τὰ ἐστῶτα funciona, poderíamos quase dizer, como uma *differentia* deste tipo de coisas móveis, em contraste com aquelas que se movem em muitos lugares.<sup>22</sup>

---

21 Embora a tradução de Taylor seja muito mais parafrazeada do que as outras, parece, no entanto, ter se aproximado mais do sentido correto da passagem ao falar em “coisas caracterizadas pela imobilidade de seus centros,” captando bem a referência a algo imóvel que figura como parte crucial do enunciado do Ateniense.

22 Esse uso das categorias anteriores, em geral, e de τὰ ἐστῶτα, em particular, como *quasi-differentia* na distinção entre distintas formas de movimento é confirmado em uma etapa subsequente da classificação do Ateniense, na qual a combinação e a separação serão distinguidas de acordo com o fato de as coisas que se movem colidirem, respectivamente, com *outras coisas que se movem* ou com *coisas que ficam paradas* (προστυγχάνοντα δ' ἐκάστοτε ἐκάστοις, τοῖς ἐστῶσι μὲν διασχίζεται, τοῖς δ' ἄλλοις ἐξ ἐναντίας ἀπαντῶσι καὶ φερομένοις εἰς ἐν γινόμενα μέσα τε καὶ μεταξύ τῶν τοιούτων συγκρίνεται 893e1-5).



De fato, uma das razões pelas quais considero preferível essa interpretação – forte e, por assim dizer, explicativa – da descrição do movimento em um único lugar é porque acredito que o objetivo, como um todo, da classificação de movimentos consistirá em *estabelecer relações de prioridade e posterioridade explanatória* entre os diferentes tipos de movimento. Assim como aprendemos que o movimento circular depende das coisas que ficam paradas, e que são essas coisas que explicam a singularidade desse movimento, também, no esquema mais amplo do Ateniense, as formas posteriores serão sempre descritas de alguma maneira em função de uma certa relação que entretêm com as anteriores, e as anteriores sempre entrarão na explicação das posteriores.

É claro que justificar uma tal leitura do método e do objetivo da classificação exigiria um exame completo de todas as formas de movimento identificadas ali pelo Ateniense. Mas acredito que a nossa análise do enunciado do movimento em um lugar já constitui uma peça importante para uma posterior reconstrução do sentido geral da classificação dos movimentos.

Na verdade, penso nesta análise menos como uma investigação concluída do que como um ponto de partida para uma reinterpretação mais profunda da classificação dos movimentos nessa passagem das *Leis*, bem como das abordagens metodológicas de Platão nos seus diálogos tardios. Uma compreensão correta da classificação deverá mostrar que, apesar desta ter muitas semelhanças com o método diairético empregado no *Sofista*, no *Político* ou no *Filebo*, ela também tem peculiaridades importantes.<sup>23</sup>

23 Para um ponto de situação desta discussão, ver Centrone (2021), Schöpsdau (2011), e Mayhew (2008). Acredito, no entanto, que a discussão acerca do estatuto metodológico da classificação está longe de estar encerrada. E que, justamente, o que falta para essa discussão é atenção ao caráter essencialmente *explanatório* das descrições das formas de movimento, como exemplificado aqui através da análise do movimento circular.

Já numa direção diferente, penso que a investigação acerca da natureza do movimento circular, que nunca havia sido levada a cabo neste nível de detalhe, poderia servir também como o começo de interrogações importantes na cosmologia, na psicologia e na teologia platônicas. De fato, para Platão, o movimento circular é não apenas, como é óbvio, identificável ao movimento do cosmo (898c1-8), como também ao movimento do intelecto – que, apesar de não ser um movimento espacial (i.e., uma locomoção), é circular, pois é sempre regular, ordenado, estável e idêntico a si mesmo (898a8-b4).<sup>24</sup>

Essa irradiação da importância do movimento circular pela cosmologia, psicologia e teologia faz com que qualquer coisa que estabeleçamos acerca da natureza deste movimento tenha, potencialmente, consequências profundas para a metafísica de Platão. Podemos então nos perguntar, por fim: todas aquelas peculiaridades e propriedades especiais que vimos valerem para a locomoção circular – exemplificada na rotação dos mais singelos objetos, como os piões de Sócrates na *República* – não valerão também, analogicamente, para as rotações ainda mais espantosas do cosmo e do intelecto?

## Referências

- CENTRONE, B. *La seconda polis. Introduzione alle Leggi di Platone*. Roma: Carocci, 2021.
- DIÈS, A. *Platon. Oeuvres Complètes. Tome XII. Première Partie. Les Lois. Livres VII-X*. Paris: Les Belles Lettres, 1956 (2007).
- ENGLAND, E. B. *The Laws of Plato. Vol. II. Books VII-XII*. Manchester: The University Press, 1921.
- GRIFFITH, T., SCHOFIELD, M. *Plato. Laws*, 2016.
- LAKS, A. *Plato's Second Republic. An Essay on the Laws*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2022.

---

24 Essa triangulação entre movimento circular, movimento do cosmo, e movimento do intelecto é a peça central do argumento do preâmbulo, permitindo estabelecer, contra a tese do ateísmo, a existência de um princípio animado e divino do cosmo, e levando a cabo a articulação da investigação περί φύσεως com os objetivos teológicos do diálogo.

LEWIS, T. *Plato Against the Atheists. Or, The Tenth Book of the Dialogue on Laws*. Harper and Brothers: New York, 1845.

MAYHEW, R. *Plato. Laws 10*. Oxford: Clarendon Press, 2008.

POST, L. A. Review: "The Theory of Motion in Plato's Later Dialogues" by J. B Skemp, *American Journal of Philology*, Vol. 65, No. 3, pp. 298-301, 1944.

SAUNDERS, T. *Plato. The Laws*. Penguin Books: Harmondsworth, 1970.

SCHÖPSDAU, K. *Platon. Nomoi (Gesetze)*. Buch VII-XII. Vandenhoeck and Ruprecht: Göttingen, 2011.

SKEMP, J. B. *The Theory of Motion in Plato's Later Dialogues*. Adolf M. Hakkert: Amsterdam, 1967.

TAYLOR, A. E., *The Laws of Plato*. J. M. Dent and Sons: London, 1934.